

RABISCO

REVISTA DE
CULTURA POP

rabisco@yahoogroups.com

29 de setembro a 12 de outubro de 2003

equipe | discussão | edições anteriores

Edição 27

ATRAÇÃO E AMOR

De *Três Formas de Amar* a *Regras da Atração*, um retrato de como o cinema evoluiu retratando uma juventude que se degradou

ROCK GANHA FORÇA

Comando Rock chega nas bancas com um só propósito: falar exaustivamente do rock and roll e suas diversas ramificações

DEEP PURPLE

A banda completa 35 anos com novo disco e turnê no Brasil, que nós acompanhamos em Recife e São Paulo

NOITE DE REDENÇÃO

Spike Lee e Edward Norton juntos pela primeira vez. O resultado: o ótimo *A Última Noite*

POBRE ESTADOS UNIDOS

Stupid White Men, livro do diretor de *Tiros em Columbine*, satiriza a fragilidade do maior império do mundo

O (VÍDEO) SHOW TEM QUE PARAR

Programa completa 20 anos e demonstra que sua fórmula está mais do que desgastada

#51: O *Rabisco* conta os padres do passado negro de Super Mario, a mais polêmica celebridade dos videogames!

#27: Cuidado, uma parte importante da sua vida pode ser perdida no tráfego postal...

BUSCA

Picosearch

NOITE DE REDENÇÃO

Spike Lee e Edward Norton juntos pela primeira vez. O resultado: o ótimo *A Última Noite*

por Fábio Freire (fabiofcosta@hotmail.com)



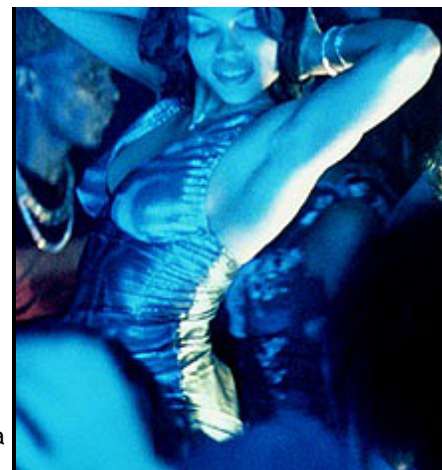
Edward Norton é o melhor ator da atualidade. Ponto final. De filmes *punk* como *Clube da Luta* e *A Outra História Americana*, passando por produções mais leves (*Tenha Fé* e *A Cartada Final*), Norton é o cara, um ator que é garantia de qualidade e põe no chinelo qualquer Tom Hanks da vida. Eu podia muito bem terminar essa resenha aqui e me dar por satisfeito, afinal só a presença de Norton já vale uma conferida em qualquer filme que seja. Mas *A Última Noite* (*The 25th Hour*, EUA, 2002) é muito mais do que uma interpretação magistral. O novo trabalho do diretor Spike Lee (*Faça a Coisa Certa* e *Malcom X*) é a união de vários elementos que compõem um todo que desde já é um dos melhores filmes do ano.

Acompanhando o último dia de liberdade de Montgomery (Norton), Spike Lee traça um painel da jornada do personagem, condenado a sete anos de prisão por tráfico de drogas. Nesse seu "último" dia, Monty tem que acertar as contas com seu pai (Brian Cox, o vilão de *X-Men 2*), com seus dois melhores amigos e com a namorada Naturelle (Rosario Dawson), que ele desconfiava ter lhe dedurado à polícia. Uma história simples (baseada no livro *The 25th Hour*, de David Benioff, aqui também roteirista), mas que nas mãos de Lee se transforma em um filme poderoso sobre escolhas erradas, arrependimento e culpa. Como se o roteiro já não fosse suficiente para nos brindar com um filme duro, o diretor resolveu ambientar sua obra em uma Nova York traumatizada com os atentados de 11 de setembro. Essa escolha deixa a produção ainda mais real e funciona como uma pungente homenagem à cidade, cenário da maioria dos filmes de Lee. Enfim, um caso raro, já que todas as produções hollywoodianas fogem de qualquer coisa que lembre o atentado.

E a cidade está presente ao longo de todo o filme. Seja nos belos créditos iniciais (formados por dois canhões de luz simbolizando as torres do World Trade Center), na cena do espelho (de cair o queixo) no qual Monty destila suas frustrações contra tudo e contra



todos ou na cena do apartamento com vista privilegiada para os destroços da tragédia. Nova York está ali, em cada cena, cada tomada, na fotografia acinzentada e na ótima trilha sonora de Terence Blanchard (indicada ao Globo de Ouro deste ano). Mas em nenhum momento estes elementos são apresentados de forma gratuita. Spike Lee faz questão de nos lembrar a todo instante que Nova York é uma cidade ferida, acuada, assim como o personagem de Norton, em mais uma interpretação inspirada.



Medos, dúvidas e incertezas pontuam toda a narrativa, conduzida com brilhantismo pelo diretor, que faz um bom uso dos manjados *flashbacks* para contar o início do relacionamento de Monty com Naturelle e como ele foi descoberto pela polícia. Outra escolha acertada de Lee é não relegar os personagens secundários a meros coadjuvantes. O roteiro desenvolve de forma correta o relacionamento do personagem de Philip Seymour Hoffman (*Magnólia*), professor careta de uma escola secundarista, e sua aluna, a ótima Anna Paquim (*O Piano* e *X-Men 2*). Pode até não acrescentar nada à trama, mas garante bons momentos ao longa, além de funcionar como contraste à personalidade arrogante do outro amigo de Monty, Barry Pepper (do horroroso *A Reconquista*).



Pepper, aliás, é dono de uma das cenas mais fortes do filme. É impressionante como o ator se entrega ao papel quando, já no final, ele tem de cumprir um último favor ao amigo condenado. A cena é de um impacto que deixa o espectador sem rumo, inundado por um silêncio aterrador e cheio de dor. Como não poderia deixar de ser, Spike Lee encerra sua obra de forma melancólica, mas cheia de esperança, por mais que fique claro que o destino de Monty não será tão colorido como o apresentado. *A Última Noite* pode até não agradar a todos os públicos (seu

ritmo é bem diferente dos costumeiros arrasa-quarteirões), mas não deixa de provar que Spike Lee é um dos melhores diretores americanos da atualidade. Um filme forte e injustiçado. Sabe-se lá Deus porque, *A Última Noite* foi completamente ignorado por um tal prêmio de cinema metido a besta que prefere privilegiar épicos vazios, filmes sobre a doença da semana ou *revivals* lucrativos. 🙄